
**TEOLOGIA PROTESTANTE DAS
RELIGIÕES: UMA PROPOSTA
TEOLÓGICA EM PERSPECTIVA
LATINO-AMERICANA***



Fabrício Veliq**

GONÇALVES, Alonso. *Teologia protestante das religiões: uma proposta teológica em perspectiva latino-americana*. São Paulo: Recriar, 2020, 260 p. ISBN: 978-65-86242-22-5.

O livro, lançado no ano de 2020, é fruto de tese doutoral defendida na UMESP, no Programa de Doutorado do curso de Ciências da Religião. O autor, motivado pela pouca produção a respeito de estudos protestantes na América Latina que tenta dialogar com outras expressões religiosas do continente, bem como pelo fato de que prevaleceu no protestantismo da América Latina uma postura fundamentalista e conservadora, quer propor uma teologia protestante ecumênica das religiões em perspectiva latino-americana, a qual chama de TEOPELAR.

Seu intuito é que tal proposta possa dialogar com as religiões presentes no continente, tendo em conta suas premissas culturais e teológicas. Deseja fugir das posturas teológicas que se colocam como única alternativa quando do contato destas com as religiões de matrizes africanas e ameríndias na América Latina. Como aporte teológico, o autor parte da teologia trinitária de Jürgen Moltmann, conhecida pela abertura e pelo seu caráter social. Propõe a abertura como categoria hermenêutica em seu trabalho.

O livro é dividido em uma introdução, quatro capítulos e termina com um manifesto político teológico para a América Latina. No primeiro capítulo de sua obra, o

* Recebido em: 31.05.2022. Aceito em: 12.07.2022.

** Doutor em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).
Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Leuven (KU Leuven).
E-mail: fveliq@gmail.com

autor faz um movimento histórico, na tentativa de mostrar que diversos elementos do início do Protestantismo podem contribuir para uma teologia protestante que aborde o pluralismo religioso atual. Em sua leitura, acredita que os movimentos de Reforma podem ser entendidos como promotores da pluralidade, uma vez que a partir dela é possível a opção de discordar das posições hegemônicas, como eram as da Igreja Católica do período. As noções de ética e de individualidade também são pensadas como conceitos fomentados pela Reforma Protestante e que podem contribuir para a questão do pluralismo religioso na atualidade, mesmo que tal tema não fosse o foco dos primeiros reformadores. A nosso ver, tal assertiva se mostra ousada e ao mesmo tempo perigosa. Ousada pelo esforço hermenêutico de reler aspectos da Reforma que muitas vezes passam batidos. Por outro lado, perigoso, uma vez que projeta sobre o tema da Reforma algo fora de seu *Sitz im Leben*, o que abre margem para colocar quaisquer conceitos projetados em outros tempos e retroagir *ad infinitum* para justificar sua presença em qualquer época. O autor está ciente do perigo de anacronismo, mas decide seguir nesse caminho mesmo assim.

O autor se mostra também consciente de que esse pluralismo é fruto da modernidade, e tem na secularização das sociedades uma base importante para seu amadurecimento, uma vez que com esse novo cenário os discursos hegemônicos e a tutela da religião sobre a sociedade não são mais possíveis.

Gonçalves ressalta a necessidade de uma teologia que se mostre contemporânea, e que, portanto, tem como demanda romper com seus discursos enrijecidos e toda e qualquer postura que a coloque como detentora da verdade absoluta. Assim, opta por trabalhar partindo do pressuposto de que a teologia é tanto uma linguagem, na linha de Agamben (2015), como uma hermenêutica, na linha de Geffré (2004). Também faz a opção por uma abordagem a partir de uma teologia de caráter fenomenológico das experiências religiosas do sagrado, que se fazem presentes nas religiões. Essa teologia, segundo o autor, é a que deve ter primazia em relação a uma abordagem doutrinal quando o assunto é o pluralismo religioso.

No segundo capítulo o autor trata da relação entre a teologia protestante na América Latina e o pluralismo religioso. Para dar ao leitor uma maior conscientização contextual, o autor tem o cuidado de fazer um histórico do movimento ecumênico, desde seu início formal na conferência de Edimburgo, passando pela criação do Conselho Mundial de Igrejas. Ressalta que, ao contrário do que muitos tendem a crer, não foi no movimento católico que surgiu o movimento ecumênico que lançou as bases para o diálogo inter-religioso, antes, que tais temáticas surgiram a partir do protestantismo europeu, principalmente a partir da interação missionária. Após esse movimento, muito bem feito por sinal, o autor volta a sua atenção para o protestantismo na América Latina, no qual o

movimento europeu de passagem de um diálogo ecumênico para um diálogo inter-religioso não aconteceu. Mostra em que medida o protestantismo que chega à América Latina tem como empenho eliminar outras expressões religiosas, a começar pelo próprio Catolicismo e relembra a história daquilo que ficou conhecido como protestantismo ecumênico-progressista.

O autor dedica uma boa parte do seu texto para indicar o desenvolvimento do protestantismo ecumênico-progressista, que teve origem no Congresso do Panamá, organizado em 1916, e que culminou em outras iniciativas tais como a ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina) e o CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas). No entanto, o autor critica o fato de que tal movimento ecumênico latino-americano, mesmo tendo posteriormente tomado consciência da questão do pluralismo religioso e da necessidade de uma postura teológica sobre a questão, ainda não conseguiu desenvolver uma teologia do pluralismo religioso e do diálogo inter-religioso de matriz protestante. Diante disso, resalta a importância de seu trabalho, uma vez que tenta, de alguma forma, contribuir para uma teologia de caráter protestante que se volte para essa temática na América Latina.

O autor parte do princípio de que uma teologia ecumênica das religiões tem como eixo articulador a preocupação pela paz, justiça e integridade da criação, assumindo o princípio pluralista, ou seja, a ideia de que há uma maneira plural de olhar os diversos aspectos de uma sociedade e, conseqüentemente, das próprias religiões.

No terceiro capítulo o autor faz o esforço teológico de estabelecer uma relação da Trindade como proposta social, conforme desenvolvida por Jürgen Moltmann e a teologia das religiões, por acreditar que tal linguagem moltmanniana pode cooperar na elaboração de uma proposta de diálogo inter-religioso na América Latina.

O autor faz um bom recorte do conceito trinitário desenvolvido por Moltmann (2007), mostrando tanto o conceito de *perichoresis* amplamente utilizado por ele para pensar sua trindade enquanto projeto social, bem como o conceito de pessoa enquanto existir-em-relação. Com isso em mente, acredita ser possível afirmar que Deus é plural, e conseqüentemente, é abertura ao mundo, o que inclui não só a humanidade, mas também toda a criação. Ora, se a trindade está em constante relação perichorética e de total abertura, então é possível pensar a pluralidade na própria trindade; pluralidade esta que se dá na liberdade que a trindade comunica, de maneira que todo fechamento frente ao outro não faz o menor sentido.

O autor, apoiando-se no trabalho de Brakemeier (2002 e 2004), considera que Moltmann assume uma postura de exclusivismo aberto, quando se olha para as famosas perspectivas exclusivistas, inclusivistas e pluralistas, amplamente co-

nhecidas dentro da temática do diálogo inter-religioso. O autor toma a tese de Brakemeier que afirma que o exclusivismo em Moltmann aparece porque as religiões seriam portadoras de sentido e transcendência, e, por isso, teriam uma mensagem que carrega o status de exclusividade. Assim, todas as religiões, inclusive o próprio cristianismo, seriam exclusivistas em alguma medida. No entanto, seria também aberto porque permitiria o diálogo e proporia a abertura para o aprendizado.

A nosso ver, a proposta de Brakemeier utilizada pelo autor pode trazer mais confusão do que esclarecimento, uma vez que toma um termo já consolidado dentro da temática do diálogo inter-religioso, tal qual o exclusivismo, e tenta minimizar a carga semântica que se encontra nele, confundindo identidade cristã com exclusivismo. A proposta de Moltmann é que o cristianismo mantenha sua própria identidade, estando disposto a dialogar com as outras religiões, vendo-se como catalisador crítico (MOLTMANN, 2013, p.211), da mesma forma que propõe que sejamos tolerantes com as outras religiões. Essa tolerância, contudo, não deve ser uma tolerância cética, antes uma tolerância produtiva, em que “cada religião é um meio de educar para a humanidade e uma fase de passagem para a autêntica moralidade” (MOLTMANN, 2013, p. 209).

Ainda trabalhando aquilo que Moltmann fala sobre o diálogo inter-religioso, o autor explicita o interesse de Moltmann naquilo que ele mesmo denomina diálogo inter-religioso indireto, que seria o diálogo entre as religiões que trata de temas comuns ao bem-estar humano e do planeta, visando à promoção da vida, o que será a linha utilizada no trabalho e desenvolvida no último capítulo do livro.

O autor também propõe pensar a trindade como metáfora, uma vez que acredita que esta se constitui como um elemento imprescindível para a linguagem religiosa, visto ser próprio da metáfora se propor a falar daquilo que está ausente. Aqui o autor segue a diferenciação entre metáfora e modelo proposta por Paul Ricoeur (1992 e 2015), a saber, enquanto este está ligado a uma linguagem científica, onde a questão da prova é elemento determinante, aquela está ligada a uma linguagem poética e, portanto, sem pretensões de definir ou provar nada.

Dessa forma, a trindade é proposta pelo autor como metáfora de diálogo, abertura, comunidade e inter-relações. Em outras palavras, a trindade pode ser considerada uma metáfora da pluralidade na unidade e multiplicidade na singularidade de diferentes e também iguais. Antes de iniciar o último capítulo, o autor esclarece que elabora sua proposta de uma TEOPELAR a partir de uma perspectiva missionária (que será repensada no último capítulo) e pós/descolonial. O último capítulo é onde o autor apresenta sua proposta da TEOPELAR, tendo por base o movimento ecumênico e o contexto latino-americano como seu horizon-

te, utilizando uma concepção trinitária como linguagem-narrativa-metafórica pensada a partir da teologia de Jürgen Moltmann. Apresenta, então, quatro eixos em sua proposta.

O primeiro eixo que aborda é a perspectiva ecumênica e dialógica. Para tal, apoia-se nos trabalhos de Cláudio Ribeiro (2017) e de sua mediação hermenêutica chamada princípio pluralista, uma vez que acredita que tal princípio auxilia na melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e das relações humanas, fugindo de posturas dogmáticas e enrijecidas.

Assim, o autor, em sua proposta da TEOPELAR, não coloca a ênfase na questão dogmática da trindade, mas em suas relações comunitárias, que comporta diferenças, pressupõe aberturas relacionais e preserva as distinções. Portanto, a dimensão social da trindade é o principal elemento de sua proposta, dentro de uma perspectiva ecumênica e dialógica, sendo também crítica e teológica, que se mostra como o segundo eixo da proposta.

A postura crítica se mostra em relação à colonização no processo missionário-teológico que tanto mal fez aos povos originários da América Latina. Dessa forma, a partir de um pensamento pós-colonial/descolonial, o autor insiste que é necessário fugir de um discurso sobrenaturalmente supra-histórico da teologia cristã, e é imprescindível a tomada de consciência de que diferentes povos têm diferentes teologias, que estão bem distantes da ideia grega na qual a teologia cristã foi fundada.

O terceiro eixo se dá ao tratar a questão missionária e pós/descolonial. Repensar a missão, então, se torna tarefa imprescindível para o autor. Contudo, pretende fazer a aproximação entre missão e diálogo inter-religioso sem a mediação do famoso conceito de inculturação. A partir de Bosch (2009), pensa a missão como o envolvimento de Deus no mundo e com o mundo, e dessa forma, a *missio Dei* não está circunscrita à política, geografia ou denominação específica, antes, se dá na categoria do envolvimento. Dessa forma, o diálogo é o alvo da missão, uma vez que o diálogo conduz o envolvimento entre sujeitos de fé ou/e instituições religiosas, processo este que se dá por meio da interculturalidade, conforme entendido por Raúl Fornet-Betancourt (2007).

O último eixo de sua proposta se dá na perspectiva política e social. A partir de Moltmann, que coloca como ponto fundamental para o diálogo inter-religioso a dignidade humana, e se apoiando em Paulo Freire (2011) para quem o amor é um dos fundamentos do diálogo, o autor afirma que o diálogo é possível quando se há amor, o que pressupõe uma práxis em conjunto. Apoiando-se também em Pui-Lan (2015) e seu conceito de *polidoxia*, que afirma que os cristãos não possuem o monopólio da revelação e que a divindade deve ser compreendida como pluralidade, o que novamente ressalta a necessidade do diálogo.

A proposta da TEOPELAR tem uma dimensão praxiológica que deve ser percebida nos eixos apresentados pelo autor, tendo a dignidade humana como um valor

em si mesmo e, conseqüentemente, os seres humanos e suas relações se colocam como critério, no campo ético, para o diálogo inter-religioso. Essa práxis, por sua vez, visa à dignidade da vida, elemento primordial para o diálogo inter-religioso, o que implica também a luta pelos direitos humanos. No manifesto, última parte do livro, o autor ressalta novamente a necessidade de se pensar o diálogo inter-religioso e mostra em que medida acredita que seu trabalho contribui para isso numa perspectiva protestante.

Diante disso, consideramos que o livro se mostra fruto de uma pesquisa bastante cuidadosa, com um recorte bem específico ainda não feito no cenário brasileiro, o que ressalta tanto a originalidade do trabalho, quanto o cuidado metodológico para a escrita do texto. Nesse sentido, o livro pode contribuir grandemente para futuras pesquisas, tanto em Ciências da Religião, quanto em Teologia, por lançar bases importantes para se pensar o diálogo inter-religioso a partir das realidades da América Latina.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BRAKEMEIER, Gottfried. “Fé cristã e pluralismo religioso – onde está a verdade?”. *Estudos Teológicos*, vol. 42, n. 2, 2002, p. 23-47.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Religião e interculturalidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. *Igreja no poder do Espírito*. Santo André: Academia Cristã, 2013.

PUI-LAN, Kwok. *Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé*. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O princípio pluralista. *Cadernos Teologia Pública*, ano XIV, v. 14, n. 128, 2017.

RICOEUR, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. *In*: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: EDUC, 1992, p. 145-160.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.